# APLAUSO

ANO III Nº 22

teatro

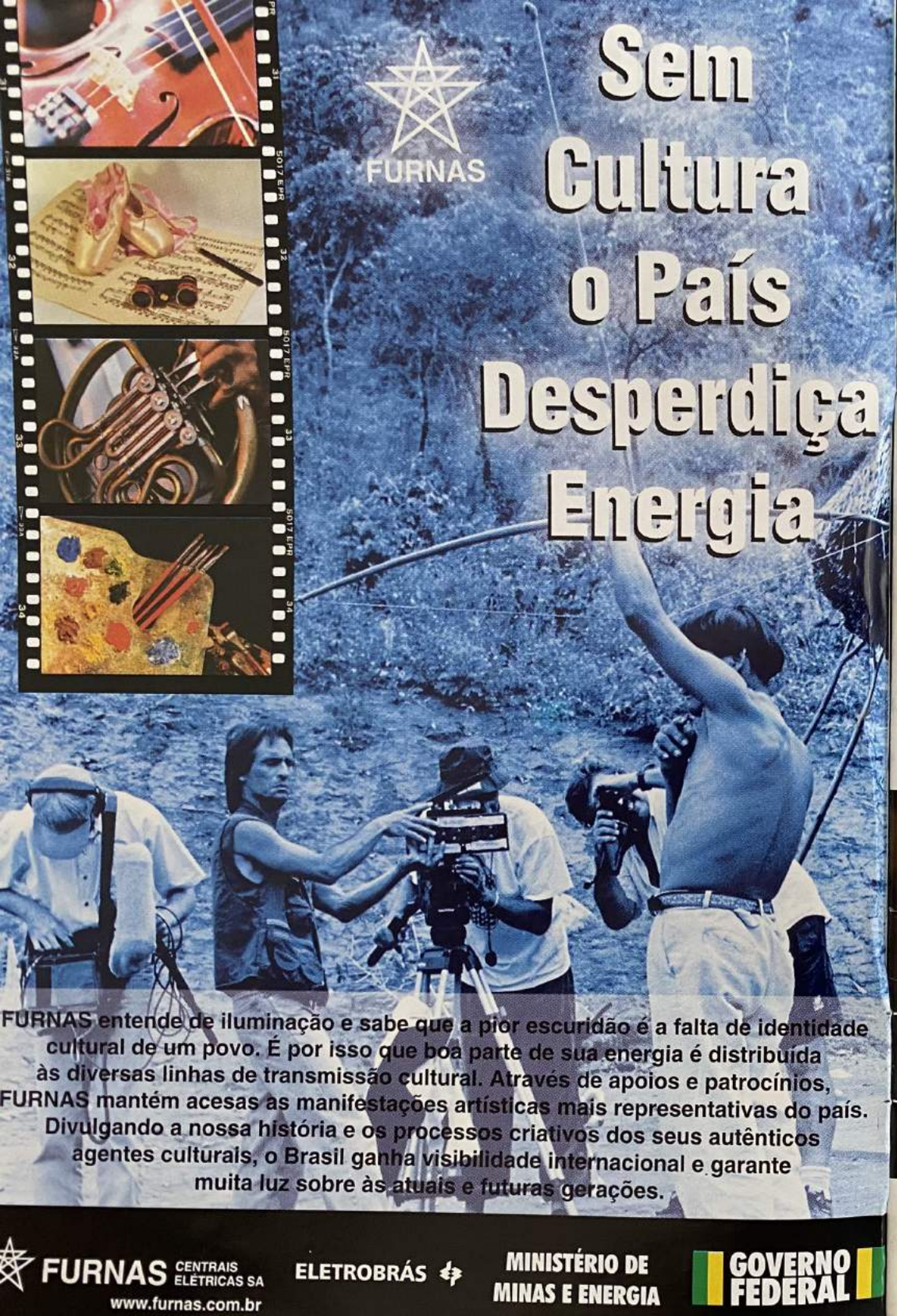
EXEMPLAR GRATUITO

Marieta Severo e Marco Nanini em...

## Quem tem medo de Virgínia Woolf?

**A peça mais corrosiva de Edward Albee, mestre em duelos verbais**

Jornal do Teatro ● Em cartaz ● Alexandre Borges ● Camilla Amado ● Daniel Dantas ● De Bonis ● Gerald Thomas ● Marília Gabriela ● Mauro Rasi ● Zezé Motta





BASTIDORES

# Rasi e suas mulheres

"Talvez eu seja mais conhecido como autor "de família". Mas também me interesso por outros assuntos, como política e música. Não a política partidária, que acho um saco, mas o que a envolve, o seu folclore, as suas tensões e intrigas que sempre resultam tragicômicas. É um material que uso muito na minha coluna semanal em *O Globo* e que também está presente em minha nova comédia, *Alta Sociedade*, onde estou tendo o prazer e o privilégio de trabalhar com Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi, talentos tão raros que deveriam fazer parte da constelação da nossa bandeira. Ela ficaria ainda mais brilhante.

Quanto a música, bem, música é vida. Não vivo sem música. Quando era pequeno, sonhava ser...um Mozart! Como não deu (não daria nem para ser um Salieri) mudei para o teatro, que é uma arte mais, digamos, bem... sempre achei mais difícil compor a sinfonia Júpiter!

No entanto, foi o cinema que entrou primeiro na minha vida, avassaladoramente. Minha avó materna ia praticamente todos os dias e eu era sua companhia habitual.

Vi *E Deus Criou a Mulher* a seu lado. Posso dizer que vovó me apresentou a Brigitte Bardot muito antes de Búzios. Depois vieram Lana Turner, Ava Gardner, Marilyn, Bette Davis, Lauren Bacall, Joan Crawford, Ingrid Bergman e, a maior de todas, pelo menos para a família, Ana Magnani. Junte-se a isso um matriarcado italiano, com quase uma centena de tias, e deu no que deu. Essa predileção por grandes papéis femininos.

Quanto a música, preparo para o segundo semestre de 2001 um musical. Chama-se *Ladies na Madrugada*, e tem, naturalmente quatro grandes papéis. Femininos.

Um beijo para todos vocês."

***Mauro Rasi, novembro/dezembro de 2000***

# JORNAL DO TEATRO

## Inédito de Antonio Callado

*Uma Rede para Iemanjá*, texto inédito de Antonio Callado para o teatro, ganha produção caprichada com direção de Tessy Callado, filha do escritor. A estréia é dia 30 de novembro, no Teatro Villa-Lôbos, e tem Tony Tornado encabeçando um elenco que conta com Júlia Drumond, filha de José Mayer, e João Velho, filho de Cissa Guimarães e Paulo César Pereio. João Callado, neto do autor, faz a direção musical, com parceria inédita de Paulo Moura e Chico Buarque.

## Mergulhado em Brecht

Luiz Fernando Guimarães divide os inúmeros trabalhos na TV com um texto de Brecht. Haja fôlego! Em janeiro, ele estréia *Arturo Ui* no Teatro do CCBB, dirigido por Moacir Chaves. Vai passar as festas de final de ano trabalhando duro...

## Depressão resolvida

Um rapaz sofre de depressão profunda por desejar conhecer o mundo através da alma. Assim é a história de *Que Acidente Somos Nós?*, escrita por Moisés Bittencourt, e que estreou no último dia 14 no Teatro do Planetário. Mas nada de depressão. O personagem encontra no próprio inconsciente o esclarecimento da vida. Uma "aula emocional" e tanto!

## Antonelli é Julieta

Os atores do elenco de *Romeu e Julieta* estão fazendo aulas de esgrima diariamente. O esforço é para que em março, mês da estréia, estejam em forma total. Dirigida por Pedro Cardoso, a peça terá Giovana Antonelli como Julieta e Danton Mello como Romeu. A direção será de Pedro Vasconcellos, que também assina a produção com Marcelo Faria. Local? Desta vez é o Teatro Clara Nunes que recebe Shakespeare... Vamos aguardar.


GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

**Aplauso** é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (arte), Maria Lúcia Rangel, Simone Melamed e Eduardo Graça (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Lenise Pinheiro/divulgação.


# PALAVRA DE ATRIZ

**Camilla Amado**

# A Máscara no espelho

**Camilla Amado é atriz e diretora de teatro**

"Quando criança, de castigo no meu quarto, eu começava a chorar e o tédio me levava ao espelho. No entanto, ao me olhar, embora continuasse chorando, ficava fascinada pelo que via, pelas lágrimas saltando dos olhos e a baba caindo pelos cantos da boca. Mas eu não estava chorando? A observação me levava ao riso e, muitas vezes, minha mãe me surpreendia chorando às gargalhadas diante do mistério.

Nessa dualidade, persigo o Teatro há mais de 50 anos. Aquela máscara no espelho, que dava aparência individual ao meu caos, me acalmava pela medida, pelo desenho no qual eu podia me reconhecer. No fundo dos meus olhos vazados, eu também me reconhecia misteriosa, iluminada, sombria, sem contorno, sem medida, sem nome. "O que não tem medida nem nunca terá".

O Teatro, a Tragédia Grega, integrou os dois impulsos: o apolíneo (visível, concreto com forma e medida) e o dionisíaco (desmesurado). Ambos, em vez de se destruírem, integraram estado e sociedade, e o abismo entre um homem e outro deu lugar a um superpotente sentimento de unidade que reconduziu a Grécia ao coração da natureza.

O Teatro, a Tragédia Grega, nos deixa o consolo de que, apesar das aparências, das mudanças de gerações e das vicissitudes da história dos povos, a vida é indestrutivelmente poderosa e alegre". (Nietzsche)

Por isso, reconheço o meu destino. Pois muito bem, estou pronta. Começou agora a minha última solidão." (Zaratrustra)

# Esperando Beckett

FOTO: DIVULGAÇÃO

**No Sesc Copacabana, uma celebração a um dos maiores dramaturgos do século.**

**Por Maria Lúcia Rangel**

Gerald Thomas é o único diretor vivo que trabalhou com Samuel Beckett e disso se orgulha muito. Continuando no espírito dos *Solos Secos*, que têm lotado o Sesc Copacabana com uma "discussão em cena" de sua obra, Thomas e sua Cia. de Ópera Seca voltam a um dos pólos do seu teatro: Samuel Beckett. Para a abertura do evento, que pretende abrir o mundo do escritor a um novo público e a uma nova geração, o polêmico diretor apresenta Marília Gabriela como atriz de *Esperando Beckett*, sua mais nova autoria. O evento segue com debates, vídeos com os maiores intérpretes do autor, ciclo de leituras de peças, workshops e minimontagens, além de uma exposição de fotos e de cartas trocadas entre o diretor e o dramaturgo.

O que seria normal para uma estreante, não está acontecendo com Marília Gabriela, que deixou de lado o nervosismo e se diz "atriz no momento". Aos 50 anos, afirma estar preparada para representar ela mesma, no monólogo onde espera, num estúdio de televisão, a chegada de seu entrevistado, Samuel Beckett. Ela se prepara, checando dados sobre o dramaturgo, quando percebe que a equipe técnica desapareceu e uma luz intensa anuncia a chegada de um homem. Assustada, deixa os papéis caírem e perde de vista aquele que supunha ser seu entrevistado. A partir daí, ela pondera tudo. "É um personagem tão lúcido que beira a esquizofrenia", diz Thomas.

A peça coloca em cena elementos desconhecidos da vida do escritor e, também, a relação criativa entre Beckett e Gerald, relação que rendeu 19 estréias mundiais. Em *Esperando Beckett*, o encenador disseca a mente humana, torturada, insatisfeita e eternamente inquieta, como Beckett a revelou.

"Depois dos 50 anos", diz Gabi, a possibilidade de que seja algo ruim não me afeta mais. E isso é algo que vejo na obra de Beckett: nada tem muita importância."

## Evento Beckett

**A participação da Cia de Ópera Seca em todo o processo é das mais ativas. É a primeira vez, em 15 anos de trabalho com Gerald Thomas, que os jovens atores têm oportunidade de se fixar num teatro, o SESC Rio. É a Cia quem conduz os processos de workshops, que introduzem a prática teatral de Gerald e que resultam em minimontagens individuais, os *Solos Secos*. Durante o evento, o foco está sendo em Beckett, toda quarta-feira, desde 15 de novembro. Thomas também prepara uma montagem com Paula Burlamaqui para dezembro. O ciclo de leitura é composto por dez peças, sempre às quintas-feiras. A série Debates começou dia 20 de novembro. Já a exibição dos vídeos teve início dia 21 de novembro, sempre às terças-feiras.**

# Dois perdidos numa noite suja

## Alexandre Borges realiza seu sonho de adolescente e encena a peça de Plínio Marcos.

Por Maria Lúcia Rangel

Alexandre Borges tinha somente 14 anos quando assistiu a *Dois Perdidos numa Noite Suja* em São Paulo, montada pelo grupo O Bando, criado por seu pai, Tanah Corrêa, e o autor do texto, Plínio Marcos. Impressionado, o adolescente cresceu com a peça na cabeça. Seu teste para o Sindicato dos Atores foi a leitura deste texto. Agora chegou a vez de subir ao palco como um dos personagens marginalizados do autor. Foi a maneira que encontrou para comemorar os 500 anos do Brasil, mostrando um lado contemporâneo do país, falando de desemprego, dos esquecidos e degradados. Alexandre estréia na Casa da Gávea, inovando no horário – são duas sessões às sextas-feiras (21h e 24h) – e já sabe que este ano não terá direito a Natal e Ano Novo, porque faz questão de encenar o espetáculo nas noites de 25 e 31 de dezembro.

O sonho ganhou contornos afetivos, já que sua mulher, Júlia Lemmertz, é co-produtora junto com Darson Ribeiro e o próprio Alexandre. Para fazer o degradado Paco, seu companheiro em cena, ele convidou o ator português José Moreira, com quem trabalhou em 1990 no Porto e de quem ficou amigo ao morar durante um ano em Portugal. Na direção está Tanah Corrêa, seu pai.

"Meu pai é de Santos, como o Plínio e eu. E trabalhou como ator antes de virar diretor. Cheguei a ser dirigido por ele em peças infantis e em *O Boi Voador*, para o Ulisses Cruz. A relação pai e filho não interfere no trabalho. Ele sempre viveu de teatro e tem uma grande noção de ética e postura. Para trabalhar com ele, é preciso disciplina e entrega."

O que mais fascina Alexandre em *Dois Perdidos numa Noite Suja* é o texto. Mais precisamente sua dramaticidade, a violência contida e o olhar para o mundo marginalizado onde as pessoas tentam sobreviver: ele é Tonho, um rapaz que completou o ginásio e chega do interior para tentar a vida na capital. As dificuldades para conseguir emprego acabam levando-o a carregar caixas num mercado. Paco, personagem de José Moreira, já está nesta vida há tempos.

"O Tonho entra num processo de degradação", conta Alexandre, "e não tem nem mesmo um sapato para procurar emprego. Por sua vez, Paco tem o sapato novo, que ganhou de alguém. E os dois entram em crise por causa do calçado. Tonho pede emprestado e Paco nega. Começam a acontecer várias situações até que bolam um assalto para que o sapato possa ser comprado. Dá tudo errado e Tonho acaba sendo engolido pelo sistema."

A idéia de montar a peça surgiu em 98. Mas a concretização do projeto demorou porque, de lá pra cá, seu filho com Júlia nasceu e o trabalho na TV se intensificou, culminando com as gravações atuais da novela *Laços de Família*, na Globo:

"Agora era o tempo-limite para homenagear os 500 anos. Temos de ir um pouco atrás dos nossos sonhos e tentar realizá-los. Continuo fazendo a novela, a televisão me deixa feliz, mas acho que sou um ator de teatro."

FOTOS: SÍLVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

# Quem tem medo de Virgínia Woolf?

FOTO: LENISE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO

**Depois de vinte anos sem contracenar nos palcos, Marieta Severo e Marco Nanini estréiam o clássico irônico e ácido de Edward Albee.**

**Por Simone Melamed**

De cara, a combinação já é explosiva: dois casais, uma longa noite e muito, muito álcool. Um prato perfeito para qualquer dramaturgo deitar e rolar. Pois foi exatamente isto que fez o americano Edward Albee em *Quem tem medo de Virgínia Woolf?*, recheando o tal encontro com corrosivos duelos verbais e temperando com o mais puro sarcasmo. Encenado pela primeira vez na Broadway, em 1962, o texto foi imortalizado nas telas quatro anos depois, por Elizabeth Taylor, Richard Burton, George Segel e Sandy Dennis. Agora, em sua terceira montagem brasileira, a peça chega ao Teatro João Caetano, depois de uma bem-sucedida temporada nos palcos paulistas.

Marieta Severo, Marco Nanini, Silvia Buarque e Fábio Assunção formam o quarteto escalado para esta nova versão, que conta ainda com a assinatura do tarimbado João Falcão na direção. "Eu queria uma cabeça que fosse antenada com a linguagem cênica contemporânea, para que o texto chegasse à platéia do ano 2000. E o João faz isso brilhantemente! Ele pega o cerne da peça e expõe as cenas com a força que elas têm", comenta Marieta que, junto com Nanini, estréia também como produtora.

Do realismo original, nada restou. "O João propõe uma encenação que deixa os atores em destaque. Ele rompe com a barreira naturalista e torna o jogo cênico o mais importante, sem nenhuma muleta nem válvula de escape", diz Fábio Assunção. No lugar do cenário tradicional, os personagens transitam por um palco nu, iluminados por jogos de luzes. É nesta arena que se desenvolve, em três atos, a guerra conjugal do decadente professor de História George (Nanini) e Martha (Marieta), sua mulher e filha do reitor de uma universidade da Nova Inglaterra. No início da madrugada, o casal recebe a visita do jovem professor Nick (Fábio Assunção) e sua esposa Honey (Silvia Buarque) para um último drinque. A partir daí, segundo Nanini, "começam os jogos de verdades e mentiras, e surgem os conflitos internos de cada personagem, que vão atiçar ainda mais o fogo".

"A peça foi se fazendo durante a temporada em São Paulo e tomando forma a partir da repetição. Não sei explicar o que aconteceu com o elenco, mas acabamos ficando todos muito amigos", diz Silvia. Sem dúvida, o entrosamento entre os atores deve ter sido um dos ingredientes certeiros que ajudou a manter a casa lotada durante os cinco meses em que *Quem tem medo de Virgínia Woolf?* ficou em cartaz. E, ao que parece, a proeza tem tudo para se repetir por aqui...

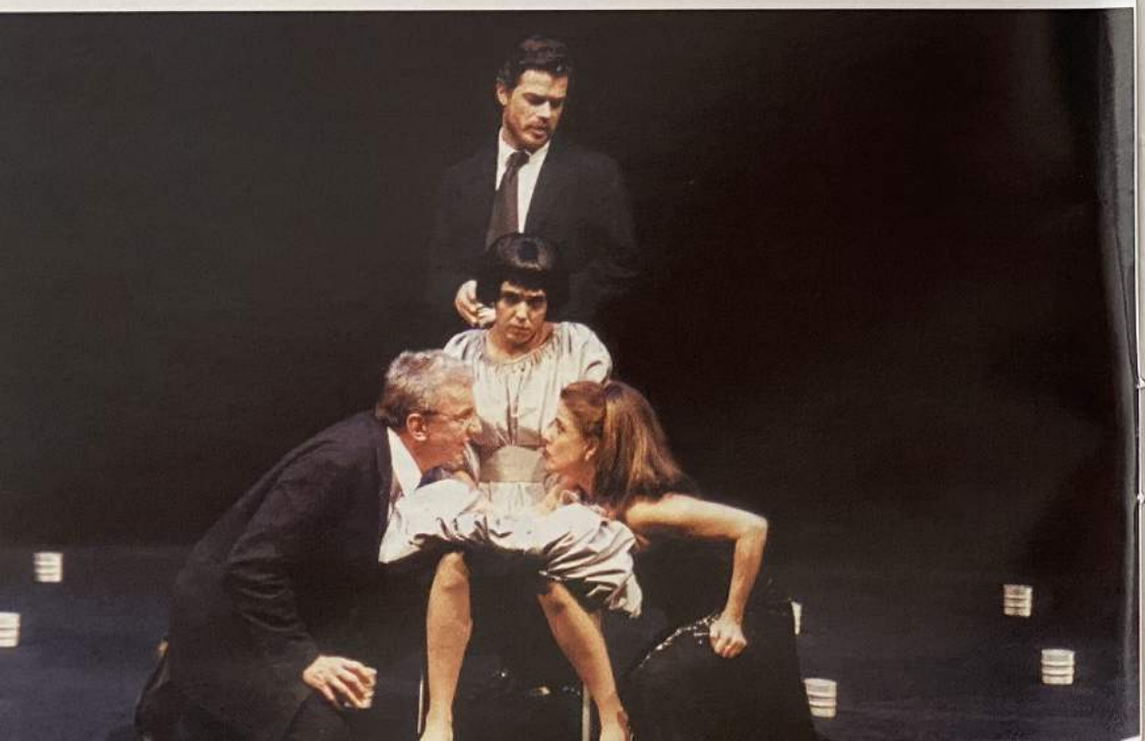
## Ato III – O Exorcismo

**Nick** - Vocês são todos doidos.
**Martha** - E você não é melhor que ninguém.
**Nick (aborrecido)** - Acho que sou.
**Martha (copo na boca)** - Você é certamente um fiasco em certos departamentos.
**Nick (recuando)** - Perdão?
**Martha (desnecessariamente alto)** - Eu disse, você é certamente um fiasco em certos...
**Nick (também falando alto)** - Eu sinto muito que você esteja desapontada. Você deveria me experimentar quando eu não tivesse passado dez horas bebendo e talvez...
**Martha** - Você é – com certeza – um fiasco em certos departamentos. (pausa) Um só homem na minha vida me fez feliz. Um só! Sabe quem? George, meu marido.
**Nick (duvidando)** - Você está brincando.
**Martha** - Você não acredita.
**Nick (caçoando)** - Por que? Acredito.
**Martha** - Você só confia nas aparências.
**Nick (com desprezo)** - Oh, pelo amor de Deus...
**Martha** - Meu sapato.
**Nick (espantado)** - O que você disse?
**Martha** - Eu disse, meu sapato. É surdo? Vá buscar. Está aí uma coisa que você deve poder fazer direito. Ou você está muito bêbado para fazer isso também?

## Nos Bastidores

Os primeiros ensaios na casa de Marieta Severo, antes do Carnaval passado, já eram a senha: algo de muito diferente vem por aí. Sim, porque a reação imediata ao se saber que Nanini e Marieta – escoltados pelos excelentes Fábio Assunção e Silvia Buarque - iriam levar ao palco o texto de Edward Albee era a de que afinal teríamos nesta temporada um belo exemplar do que se convencionou denominar 'teatrão'. Aposta errada. João Falcão, logo que aceitou o convite de sua dupla preferida (refrescando a memória: os divertidíssimos *A Dona da História* e *Uma Noite na Lua*) avisou que não havia sentido em encenar mais uma vez o texto de Albee apresentando-o como o típico exemplar do realismo psicológico americano da segunda metade do século. Marieta, por sua vez, enfatizava a vontade do quarteto de levar ao palco um espetáculo com a assinatura de um criador contemporâneo. E Marco Nanini se confessava amedrontado ao encontrar-se com um George que não se recolheria mais em alguma cidade universitária do interior americano, mas assumiria sem pesar o arquétipo do *looser* universal. Calma. Se você ainda não conferiu *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?* saiba que a suja explosão dos diálogos imaginados por Albee foi mantida. Quiçá ampliada. O texto está lá, pronto para atingir o espectador da maneira mais repulsiva. E se acabaram dividindo a crítica por conta de uma opção consciente pelo radicalismo, o quinteto logrou alcançar a aproximação possível, nesta virada de século, com a obra ainda essencial de Edward Albee.

(*Por Eduardo Graça*)




# Colecione, assine!

**Enviamos para todo o Brasil**

**Assinatura semestral R$ 18**

**Maiores informações**

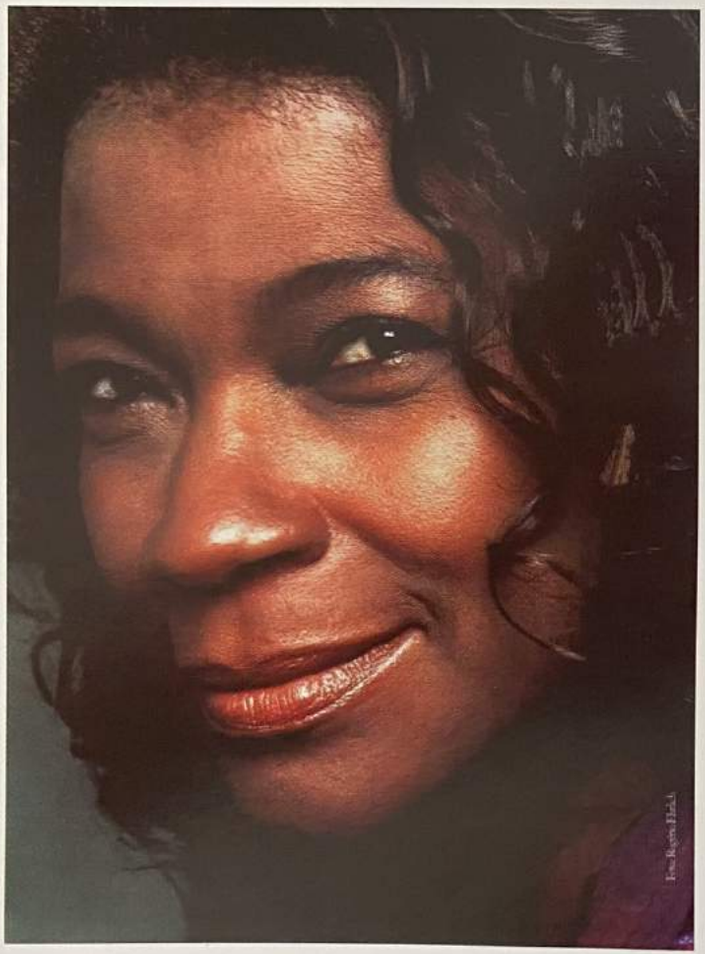
**Tel.: (21) 511-5344/511-1390**

**ou e-mail: aplauso@gbl.com.br**

# Zumbi
# e o artista negro

## No final do milênio, cresce o mercado de trabalho. Mas a batalha continua.

**Por Maria Lúcia Rangel**



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Para Zezé Motta, a comemoração do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, é uma vitória. Para ela, não tinha sentido Zumbi não ser reconhecido como um herói. A luta agora é para que sua história entre para o currículo escolar, como a de Tirandentes e outros heróis brasileiros. "Isto é muito importante para a auto-estima do negro", diz ela.

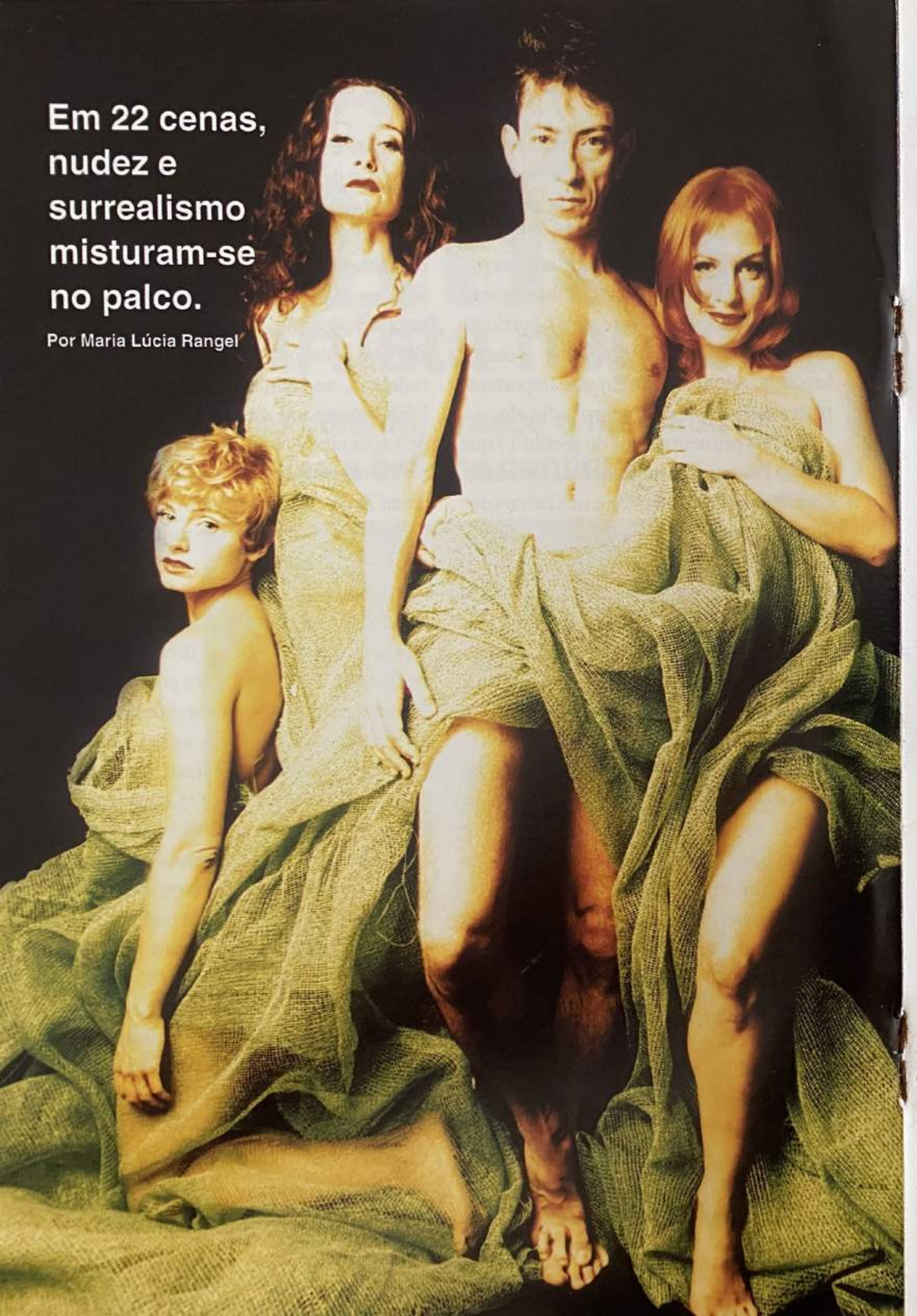
Foi nos primeiros anos do século 17 que o mito Palmares, o quilombo da liberdade, começou a crescer na voz e nos cantos dos negros escravos. Na época, outros quilombos já haviam sido criados em matas e morros pelos negros que conseguiam fugir. Eram nações pequenas, desfeitas imediatamente pela violência portuguesa. Mas os integrantes de um desses quilombos, Palmares, comandado por um rei banto de nome Zambi, conseguiram fugir para a Serra da Barriga. Zambi reinou por muito anos. Quando morreu, Zumbi tomou seu lugar. Alguns historiadores dizem que era neto de Zambi, outros que veio de uma fazenda no pé da serra ou que já pertencia a Palmares. O fato é que Zumbi reinou até o fim do século, quando a nação negra foi destruída pelo branco. Nenhum negro sobreviveu. Mas ficou o mito e sua luta pela liberdade.

Em 2000, Zezé continua lutando pelo negro. Criou o CIDAN (Centro de Informação e Documentação do Artista Negro) em 1984, com a intenção de promover e inserir os artistas negros – atores, músicos, cantores, bailarinos, modelos e técnicos em espetáculos – no mercado de trabalho. Hoje, ela se assusta com a proporção que o Centro tomou. São 380 atores cadastrados. Mas, apesar do crescimento, ligar para o CIDAN ainda é ligar para a sua casa, apesar de já existir uma promessa de um imóvel da Prefeitura. Ela até já escolheu a casa, na Praça Tiradentes, ao lado da Estudantina. E na UERJ existe um curso para adolescentes de baixa renda do CIDAN.

"Devagarinho, a coisa está melhorando", conta Zezé. "Antigamente, víamos apenas um negro numa novela. Agora já existe uma preocupação maior de colocá-los nas histórias. O processo está mais acelerado na publicidade, principalmente depois que surgiu a revista *Raça*. Se deram conta de que o negro consome. Temos pouco espaço, é verdade, mas já noto uma diferença."

Ela diz que hoje não se faz cinema, teatro ou televisão no Brasil sem que o CIDAN seja consultado. O Centro apoiou filmes como *Xangô de Baker Street*, *Cruz e Souza*, *Orfeu* e até um filme rodado em Cabo Verde, que contratou 10 atores negros brasileiros. Para um comercial da Texaco, rodado em Miami e no Caribe, a produção pediu 40 atores à Zezé.

"A idéia é dizer quem somos, quantos somos e onde estamos. Sempre que cobrávamos a invisibilidade do negro, diziam que só conheciam Ruth de Souza, Antonio Pitanga e eu. A TV Globo gravou, de graça, um comercial que foi exibido no dia 20 anunciando a nossa página na internet. Não é bom?"



**Em 22 cenas, nudez e surrealismo misturam-se no palco.**

Por Maria Lúcia Rangel

FOTOS: DIVULGAÇÃO

# Strip-tease e teatro irregular

Joan Brossa, para quem nunca ouviu falar, ganhou até poema de João Cabral de Melo Neto (*Ode a Joan Brossa*). É deste catalão, nascido em 1919 em Barcelona, amigo também de Miró e Tapiés, o espetáculo que marca a estréia do ator Daniel Dantas na direção de *Strip-Tease e Teatro Irregular*, em horário alternativo no Teatro Vanucci. São 22 cenas, algumas sem texto, misturando elementos visuais, palavra, gesto, dança e humor na criação de uma linguagem cênica. Brossa, que brinca com a forma cartesiana de contar estórias, chegou às mãos da atriz e produtora Cristina Amadeo por indicação da escritora Edla Van Steen. Imediatamente aprovado.

Daniel Dantas, que não tinha e nem tem pretensões de se tornar diretor, acabou fazendo sua estréia por acaso. Foi assistir ao ensaio da mulher (Cristina Amadeo), deu alguns palpites, tomou decisões e acabou diretor: "Há anos me dizem que eu deveria tentar a direção, mas sempre fugi do assunto. Entrei neste espetáculo atípico porque, o que acho que poderia fazer bem, com treino, seria um trabalho com atores. Me deixa à vontade. E este texto do Brossa é poesia cênica. Ele era (Brossa faleceu há dois anos) desses artistas que trabalhavam em várias áreas. Mas se considerava um poeta. Tudo que fez relacionado a artes plásticas e teatro é sempre poesia."

Foi Cristina Amadeo quem primeiro se encantou com o texto. Daniel, que lê pouco teatro, admitindo falta de paciência total, só foi ler alguma coisa sobre o autor depois de assumir a direção. Até como exercício, para constatar se estava percebendo adequadamente o texto. A leitura confirmou suas impressões. Vai dirigindo na medida em que o trabalho prossegue. E conseguiu construir o universo de Brossa: "Ele faz um monte de coisas que podem ser vistas como precursoras da Pina Bausch. Não deixa a realidade descansar porque, de repente, entra algo surrealista."

Exemplo: Em uma das 22 cenas, entra uma bailarina striper pela esquerda com um vestido de noite preto, se posiciona, de perfil, no centro do palco, como se fosse engatinhar. A bailarina tira a roupa nesta posição. Quando ela está nua, entra um conrcunda pela direita. Ele bate palmas. Desce uma corda, o corcunda amarra os pés da bailarina. Bate palmas, a corda sobe com a atriz pendurada. O corcunda recolhe as roupas e vai embora...

Apesar de algumas cenas de nudez, *Strip-Tease e Teatro Irregular* não faz a glamourização do strip-tease. Em vez do convencional, mostra o strip-tease cultural: "É um espetáculo ousado por causa da linguagem e não por causa da nudez", diz Daniel.

Cristina Amadeo completa: "Brossa é dramático, mas o que ele propõe é uma narrativa e não uma ação dramática."

FOTO: EDUARDO ALONSO/ DIVULGAÇÃO

# A Chanchada está de volta

## Sob a batuta de Antônio De Bonis, musical reverencia a Atlântida e seus tipos inesquecíveis.

**Por Simone Melamed**

A Atlântida é aqui. Ou melhor, logo ali no centro da cidade, no palco do Teatro Carlos Gomes. É lá que acaba de estrear o musical *Atlântida – O Reino da Chanchada*, no qual, sob o comando do diretor Antônio De Bonis, doze atores e seis músicos prestam uma homenagem ao gênero do cinema nacional que levava uma legião de fãs às salas escuras nos idos dos anos 40 aos 60.

"Fazer este musical, além de ser um enorme prazer, é um *revival* muito grande, porque a Atlântida fez parte da minha infância. Naquela época eu ia sempre ao Cinema Colonial, onde é hoje a Sala Cecília Meireles, assistir às chanchadas que me deixavam fascinado", relembra De Bonis, que já navega pelas praias musicais há dez anos e que acaba de sair de uma temporada de sucesso com o espetáculo *Dolores*. "Agora, posso reverenciar todas aquelas pessoas para quem tiro o meu chapéu".

O humor ingênuo, a malícia picante e o deboche da própria imitação do cinema hollywoodiano – sempre presentes nas chanchadas – eram também o pano de fundo para o desfile de tipos tão brasileiros quanto caricatos, como o vilão, o malandro, a vedete, o mulherengo e a mocinha. E como não poderia deixar de ser, cada um deles é lembrado no roteiro de Ana Velloso e Vera Novello, que parte da história de uma jovem sonhadora, que vem tentar a carreira artística no Rio de Janeiro, para desvendar os bastidores dos estúdios da Atlântida.

Como nos filmes da época, o espetáculo é costurado com músicas selecionadas a dedo, que ganharam arranjos especiais do maestro Leandro Braga. "Procuro mostrar todo o mecanismo que existe por trás de cada cena. Revelo o número musical sendo armado, como se o público estivesse dentro dos estúdios vendo tudo ser gravado. E, como ao vivo as roupas eram coloridas, somente nessas horas o figurino vem com cores. Nas cenas principais, ele é todo em preto e branco, como era o cinema naqueles tempos", conta o diretor.

Assim como o elenco, que no início dos ensaios se reunia para ver e rever alguns clássicos da produtora de filmes, quem quiser ir entrando no clima da Atlântida, antes de conferir o musical, vai encontrar bons representantes do gênero nas locadoras. De *O homem do Sputnik a Nem Sansão nem Dalila*, passando por *Com jeito vai* e *Assim era a Atlântida*, a diversão está garantida nas tramas rocambolescas e ingênuas vividas por Oscarito, Grande Otelo, Eliana e Adelaide Chiozzo – eles, assim como tantos outros atores, participaram de nove entre dez chanchadas nacionais.

### Entre no ritmo

**Confira algumas das músicas selecionadas para o espetáculo...**

- ***No tabuleiro da baiana*** **(de Ary Barroso, em *Carnaval Atlântida*, 1952)**
- ***Vai, com jeito vai*** **(de João de Barro, em *Garotas e Samba*, 1957)**
- ***Tem que rebolar*** **(de José Batista e Magno de Oliveira, em *De Vento em Popa*, 1957)**
- ***Beijinho doce*** **(de Nhô Pai, em *Aviso aos Navegantes*, 1951)**
- ***Ninguém me ama*** **(de Antônio Maria e Fernando Lobo, em *Carnaval Atlântida*, 1952)**
- ***Malandrinha*** **(em *Chico Viola Não Morreu*)**
- ***Escandalosa*** **(de Djalma Esteves e Moacyr Silva, em *Este Mundo é um Pandeiro*, 1946)**
- ***Alguém como tu*** **(de José Maria de Abreu e Jair Amorim, em *Carnaval Atlântida*, 1952)**
- ***Rasguei a minha fantasia*** **(de Lamartine Babo)**

# EM CARTAZ

**Peças, horários, teatros e preços**

## A Mulher sem Pecado

Primeira peça de Nelson Rodrigues. Conta a história de Olegário, marido obcecado pelo ciúme que sente da esposa Lídia, bem mais jovem do que ele. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com José de Abreu, Luciana Braga, Wanda Lacerda. **Conjunto Cultural da Caixa – Teatro Nelson Rodrigues.** (Avenida Chile, 230). Fone: 262-0942. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20. Até 28 de janeiro.

## A Vida é Cheia de Som e Fúria

Inspirado na obra *High Fidelity*, de Nick Hornby, conta a história de Rob Fleming, DJ do Groucho Marx Club na década de 90, em Londres. Criação da Sutil Companhia de Teatro, de Curitiba, dirigida por Felipe Hirsch. Elenco: Guilherme Weber, Erica Migon e Fernanda Farah. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote 26, Leblon). Fone:294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$30 (sáb.). Até 17 de dezembro.

## A Vida Passa

Dez anos depois, Miguel Falabella continua a história de *A Partilha*. Direção do próprio autor, que manteve o elenco original: Suzana Vieira, Arlete Salles, Natália do Valle e Thereza Piffer. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$25 (qui. sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

## Atlântida – O Reino da Chanchada

Inspirado na época áurea do cinema brasileiro, o musical faz uma homenagem às chanchadas da Atlântida, intercalando a trama ingênua, repleta de tipos bem brasileiros, com um extenso repertório musical. Direção de Antônio De Bonis. Com Ana Velloso, Vera Novello, Gustavo Gasparani. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n∞). Fone: 232-8701. De quinta a domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$10. Até 17 de dezembro

## Boca de Ouro

Lembrando os 20 anos da morte de Nelson Rodrigues, o grupo Os Hipócritas está apresentando um dos clássicos do dramaturgo, com direção de Marco Accioli. **Teatro Posto 6** (Rua Francisco Sá, 51, Copacabana). Terças e quartas, 21h. R$10. Até o dia 29 de novembro.

## Clarisse

Dirigida por Alice Viveiros de Castro, a cantora faz um show sobre as mulheres que ajudaram a fazer o país, como Zuzu Angel, Nise da Silveira, Elis Regina, Tia Ciata e Cora Coralina. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Terça e quarta, 21h. Quinta, 17h. R$15. Até 14 de dezembro.

## Cole Porter - Ele nunca disse que me amava

Musical sobre a vida do compositor norte-americano. Texto e direção de Charles Moeller. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney e Ignez Vianna. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos 143, Copacabana). Fone: 235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. dom.) R$25 (sábado). Até 17 de dezembro. Depois, volta em cartaz dia 4 de janeiro.

## Com Amor, Oscar Wilde

Peça comemorativa do centenário de morte do escritor, contando passagens de sua vida a partir do julgamento que escandalizou a sociedade inglesa no século 19. Direção de Ivone Hoffmann. Cenários e figurinos: Rosa Magalhães. No elenco, Perry Salles, Hélder Agostine, Renata Versari. **Teatro SESI** (Graça Aranha, 1 - Centro). Fone: 563-4163. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h30. Domingo, 19h30. R$15 (qui. e sex.), R$ 20 (sáb. e dom.). Até o dia 17 de dezembro

## Contos do Amor Obscuro

O espetáculo passeia pelas diversas formas de expressão poética do amor masculino. Direção de Carlito Marchon e Raquel Soares. Com João Bosco. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Quartas e quintas, 20h. R$5. Até 28 de dezembro

## Deslimites da Palavra

Dois espetáculos gêmeos realizados a partir da obra do poeta Manoel de Barros. O primeiro é uma ópera em um ato. O segundo, um solo com Ricardo Blat. Direção de Zé Luiz Rinaldi. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro). Fone: 808-2020. Ópera: sextas, sábados e domingos, 18h30, R$ 10. Solo às quartas e quintas, 18h30. R$ 10. Até 17 de dezembro.

## Diário Secreto de Adão e Eva

Texto de Mark Twain traduzido, adaptado e dirigido por Antonio Abujamra. Com Ana Paula Arósio e Marcos Palmeira. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte 26, Leblon). Fone:294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 17 de dezembro.

## Dois Perdidos Numa Noite Suja

Peça de Plínio Marcos sobre a marginalização de dois personagens. Direção de Tanah Corrêa. Com Alexandre Borges e José Moreira. Casa da Gávea (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. Sexta, 21h e 24h. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20,00.

# EM CARTAZ

**Peças, horários, teatros e preços**

## Duas Mulheres e um Cadáver

Peça policial da escritora Patrícia Melo, sobre o assassinato de um psicanalista. Direção de Aderbal Freire. No elenco, Débora Bloch, Fernanda Torres e Ricardo Pavão. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.) Até 10 de dezembro.

## Esperando Beckett

Montagem e direção de Gerald Thomas, inspirada em textos de Samuel Beckett. A jornalista Marília Gabriela faz sua estréia no teatro com a participação da Cia. de Ópera Seca. **Teatro SESC Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 169). Fone: 547-0156. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

## Esplêndidos

A peça conta a história da quadrilha Rajada, formada por sete jovens bandidos que seqüestram a filha de um milionário e ficam presos por quatro dias num hotel de luxo. Direção de Daniel Herz. No elenco, Nelson Xavier, Ângelo Paes Leme, Bruno Padilha, Gabriel Braga Nunes, Oberdan Júnior. **Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 10 de dezembro.

## Esta Noite se Improvisa

Encenador megalômano pretende que, a partir de um pequeno texto de Pirandello, os atores improvisem e construam o espetáculo. Tradução, adaptação e direção de Antônio Abujamra. Com Antônio Abujamra e Os Privilegiados**. Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 17 de dezembro

## Eugenia Grandet

Direção de Fernando Berto. Com Milton Gonçalves, Lenita Meddina**. Espaço Cultural dos Correios** (Visconde de Itaboraí, 20). Fone: 503-8770. De quinta a domingo, 19h. R$10. Até 10 de dezembro

## João Cabral e Lorca – Entre Chegan̈ças & Juergas

A identidade existente entre as culturas brasileira e espanhola é o ponto de partida do espetáculo que, numa linguagem contemporânea, costura poesias de João Cabral de Melo Neto e Federico Garcia Lorca, com coreografias inspiradas no folclore ibérico e nordestino. Direção de Antônio Costa e Rachel Coimbra. Com Rodrigo Vasco e Nivaldo Almeida. **Teatro SESI** (Graça Aranha, 1 - centro). Fone: 563-4163. Segunda, 19h30. R$8. Até 18 de dezembro

## Lisbela e o Prisioneiro

A história de Leléu, sedutor irresistível que acaba preso por conta de suas proezas eróticas. Texto de Osman Lins e direção de Guel Arraes. Produção: Paula Lavigne. No elenco, Bruno Garcia, Marcos Oliveira, Emiliano Queirós. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Estacionamento com manobrista no Hotel Glória. Até fevereiro.

## Marat Sade

Encenado em meio a banheiras e guilhotinas - evocando o ambiente de um sanatório ou de Paris do início do século 19 -, o espetáculo conta, a partir do olhar do Marquês de Sade e com a ajuda de personagens maníacos e paranóicos, a história do líder revolucionário Jean-Paul Marat. Direção de Paulo de Moraes. Com Alexandre Varella, Paloma Reyes, Adriana Valente e Thiago Magalhães. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24). Fone: 220-5070. Terça a sexta, 20h. R$ 10.

## Os Monólogos da Vagina

O universo feminino na visão de Eve Ensler, com direção de Miguel Falabella. No elenco, Cláudia Rodrigues, Zezé Polessa e Betina Viany. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.) Até fevereiro.

## Oscar Wilde, O Preço

Direção de Vivaldo Franco. Com Maurício Detoni. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sexta e Sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10. Até 17 de dezembro.

## Pequeno Dicionário Amoroso

Chega ao teatro um dos maiores êxitos do cinema nacional, o itinerário sentimental dos personagens, em verbetes que vão de A a Z. Direção e concepção de Jorge Fernando. No elenco, Cláudia Jimenez e Ernâni Moraes. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente,52 – Shopping da Gávea). Fone:274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.), R$30 (sáb.). Até fevereiro.

## Que Acidente Somos Nós?

A história de um jovem rapaz que sofre de depressão profunda por desejar conhecer o mundo através da alma. De Moisés Bittencourt, com Bruno Ferrari, Renal Borges e Rafael Klier. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Done:239-5948. Terças e quartas, 21h. R$10. Até 13 de dezembro.

# EM CARTAZ

**Peças, horários, teatros e preços**

## Quem Tem Medo de Virginia Woolf?

O encontro entre dois casais, recheado com diálogos sarcásticos e corrosivos, é o centro deste texto que, desde a estréia na Broadway, no início dos anos sessenta, vem causando impacto por onde passa, seja nos palcos ou nas telas de cinema. Direção de João Falcão. Com Marco Nanini, Marieta Severo, Silvia Buarque e Fábio Assunção. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n∞ - Centro). Fone: 221-1223. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 25 (qui., sex. e dom.). R$30 (sábado). Até início de fevereiro.

## Strip-Tease e Teatro Irregular

Esquetes do catalão Joan Brossa misturando elementos visuais, cenas mudas, palavra, gesto, dança e humor. Daniel Dantas estréia como diretor. Com Cristina Amadeo, Carolyna Aguiar, Jaqueline Sperandio e Ricardo Bandeira. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Sopping da Gávea). Fone: 274-7246. Terças e quartas, 21h30. R$15.

## Todo Mundo Tem Problemas

Comédia do dramaturgo Domingos Oliveira e do psicanalista Alberto Goldin. O tema é sexo, a abordagem é direta, mas com humor e poesia. Direção de Domingos Oliveira, com Pedro Cardoso e Bianca Byington. **Teatro do Planetário** (Av. Leonal França, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20. Até 17 de dezembro.

## Tudo de Bom

Comédia romântica de Regiana Antonini sobre a expectativa de se chegar ao ano 2000. Com Anderson Muller, Cristina Mullins, Juliana Knust, Danton Mello. **Sala Rubens Corrêa/Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824-A, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e sáb.) e R$20 (sáb.) Até final de dezembro.

## Uma Rede para Iemanjá

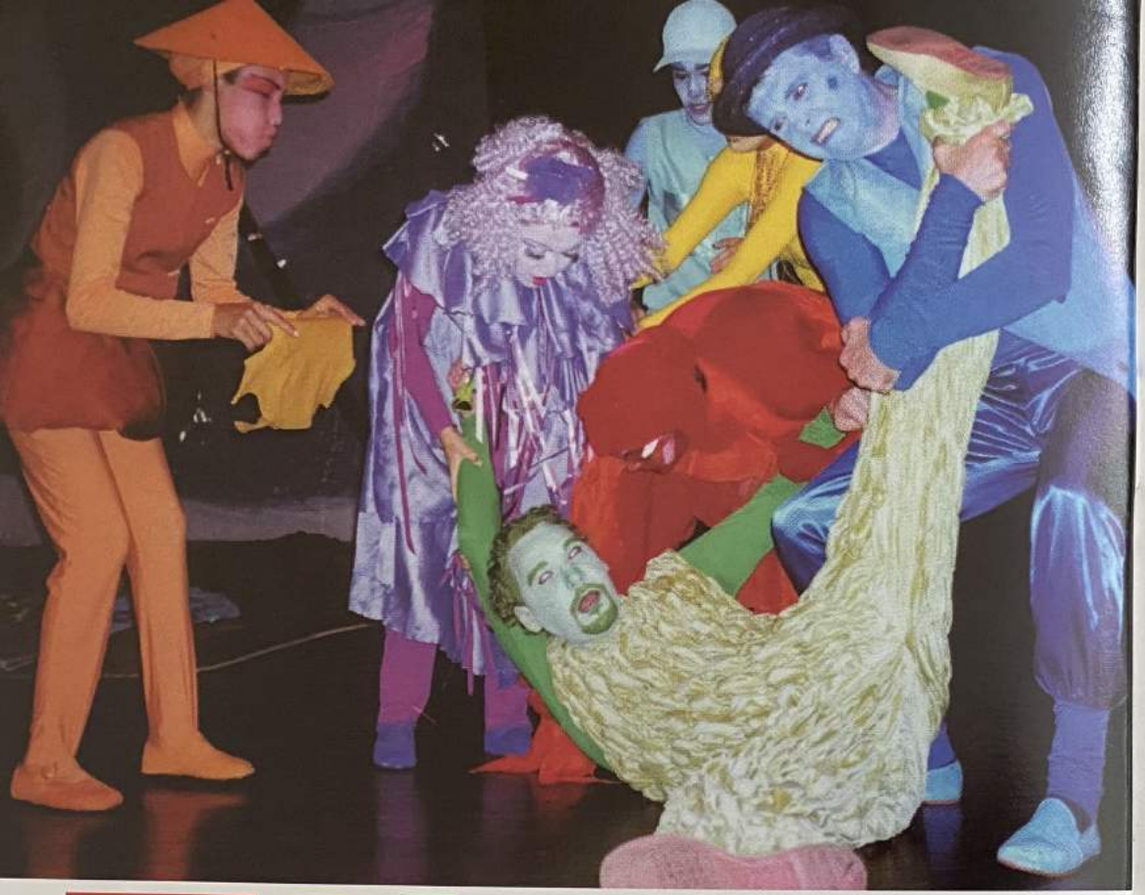
Texto inédito do repertório do teatro negro de Antonio Callado, retrata a alma e a religiosidade do povo brasileiro. Direção de Tessy Callado. Com Tony Tornado, Julia Drumond, João Velho e Cristina Bethencourt. **Espaço III do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

**CEE** da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br



FOTOS: DIVULGAÇÃO

# Flicts
## o musical

**A história de uma cor que era triste e rejeitada até se encontrar...**

Por Maria Lúcia Rangel

Quando Ziraldo publicou *Flicts*, seu primeiro livro infantil, em 1969, Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica no *Correio da Manhã*, que intitulou "Flicts: O Coração da Cor". Nela, o poeta dizia, emocionado, que "o conto contado por Ziraldo só merece um adjetivo, infelizmente desmoralizado: maravilhoso. Não há outro, e sinto a pobreza do meu cartuchame verbal para definir *Flicts*. Mas exatamente nisso está uma das maravilhas de *Flicts*: não carece de definição. É." Com o passar dos anos, a maravilha a que se referia Drummond foi traduzida para várias línguas e acabou ganhando os palcos. Neste final de milênio, as crianças têm a chance de assistir a peça no Teatro Clara Nunes, adaptada e dirigida por Malu Macedo, ex-aluna de Maria Clara Machado.

Com a Cia de Oz, criada por ela, Malu mostra em forma de musical a trama que envolve preconceito, vaidade, egoísmo e perdão, num texto de fácil entendimento para o público infantil. É a história de Flicts, uma cor semelhante ao bege que é rejeitada pelas sete cores do arco-íris.

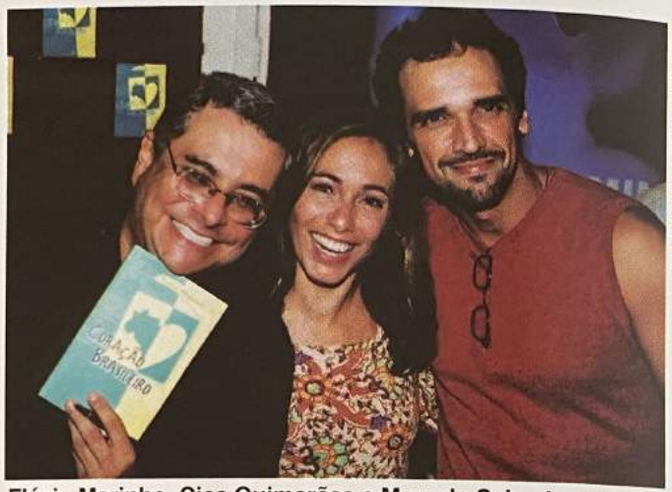
"As cores têm personalidades distintas", diz a diretora. "O verde, por exemplo, é o vilão da história, mostrando como o egoísmo nos leva ao preconceito. Procuramos despertar sentimentos como a compaixão."

O ator Leonardo Lois, que trabalha com Malu Macedo desde os 12 anos, é o responsável pelas composições e pela direção musical. O repertório vai de rap à música clássica. Já o texto é agressivo na medida certa e faz com que o público reflita sobre as suas atitudes.

Leonardo ganhou também o papel de Flicts, revelando-se nos testes em que a diretora procurava atores que, além de representar, cantassem e dançassem. O elenco conta ainda com Denis Bruno (personagem azul e produtor executivo), James Simão (verde), Lucy Teles (amarelo), Roberta Nogueira (laranja), Tahaís Motta (lilás) e Maria Bárbara (vermelho).

# SPOT

**No lançamento do livro *Coração Brasileiro*, de Flávio Marinho, na Casa de Cultura Laura Alvim...**

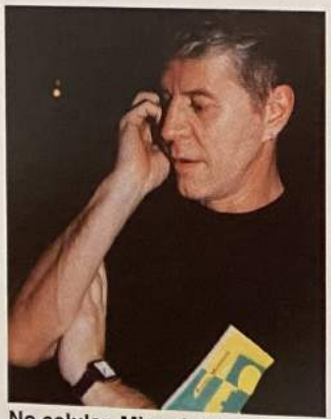


FOTOS: MURILLO TINOCO

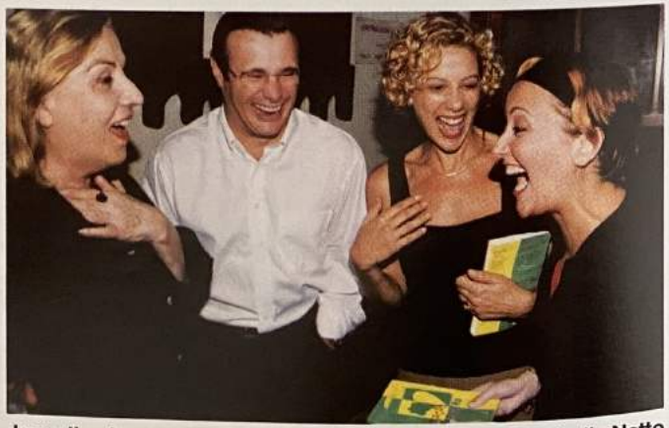
Flávio Marinho, Ciça Guimarães e Marcelo Saback

Fernando Eiras, Flávio Marinho e Sílvia Massari

Edinei Giovenazzi e Jaqueline Lawrence



No celular, Miguel Falabela...

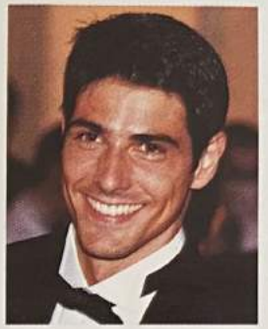


Jaqueline Lawrence, Tadeu Aguiar, Ângela Vieira e Cláudia Netto

# NÃO PERCA

**O espectador gostou, assistiu e indica.**

## Duas Mulheres e um Cadáver



As atrizes estão bárbaras e têm um timing incrível para a comédia. Gosto de tudo: do texto da Patrícia Melo, dos atores, do cenário da Daniela Thomas e da direção do Aderbal Freire-Filho. É uma peça de bom gosto, com humor sutil. E a participação da Beth Coelho, só com a voz, é o máximo também! É mais um personagem em cena."

**Reynaldo Gianecchini, ator**

## Bugiaria

"A peça é teatro puro. Produto de ensaios e talentos. Direção generosa e elenco afinadíssimo. Fiquei tomada pela peça, pela agilidade, ritmo. Horas depois, já em casa, ainda me divertia. Eu, definitivamente, recomendo!"

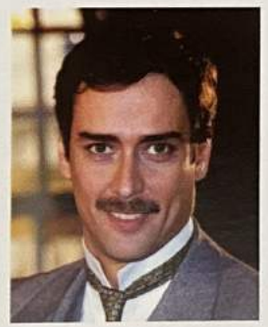
**Christine Fernandes, atriz**

## Todo mundo tem problemas

"Não percam mesmo! É fantástico! Adoro o trabalho do Domingos, principalmente quando ele escreve e dirige. Desta vez, só faltou ele atuar. Mas, tudo bem, porque os atores estão ótimos. A peça toca em temas tabus e em perversões de maneira perfeita. Eu já havia visto *Separações* e adorado. Agora, gostei tanto da nova peça que até indiquei para a minha mãe conferir."

**Malu Mader, atriz**

## A Vida Passa



"Eu já tinha visto *A Partilha* e gostado muito. Em *A Vida Passa*, além de todas as atrizes estarem maravilhosas, existe uma comunhão total entre elas e o universo do Falabella. É uma verdadeira aula! Inclusive, em novembro, vou participar de uma adaptação do texto de *A Partilha* para o cinema, com direção do Daniel Filho."

**Marcelo Antony, ator**

Tânia Alves em *Ópera do Malandro*, Teatro São Pedro - SP, 1979.

multi show

Apresenta:

Peça QUE o Multishow APÓIA

O Multishow saiu na frente. É o primeiro canal de televisão brasileira a fazer making ofs de peças teatrais. Uma Noite na Lua, A Rainha da Beleza de Leenane, Decadência, Coração Brasileiro são algumas das peças que o Multishow prestigiou e apoiou. Se ligue no programa "Multishow em Revista" e fique por dentro dos bastidores das peças que o Multishow apóia.

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine Net 0800-992211 ou Sky (0xx11) 3664-6000.

multi show

CANAL GLOBOSAT

Censura Livre

# CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

## RIO DE JANEIRO - PROGRAMAÇÃO DE DEZEMBR

### TEATRO

ESTA NOITE SE IMPROVISA - Teatro I, de quarta a domingo, às 19h30 - Até dia 17

ESPLÊNDIDOS - Teatro II, de quarta a domingo, às 19h30 - Até dia 10

DESLIMITES DA PALAVRA - Teatro III, às 18h30
Quarta e quinta: "Solo"
Sexta, sábado e domingo, até dia 17: "Ópera"

FOLGUEDOS DE NATAL - Foyer, de quarta a domingo, às 17 h

### CONCERTOS DE NATAL

Teatro II, terças-feiras, às 12h30 e 18h30
Dia 5: Coro Infantil do Rio de Janeiro
Dia 12: Quadro Cervantes: Um Programa de Natal
Dia 19: Calíope

### IDÉIAS

RODAS DE LEITURA
Contos de Natal, por Italo Moriconi - Salão de Leitura da Biblioteca, dia 6, às 18h30

CICLO DE PALESTRAS
Meu Brasil, com os cineastas Jorge Bodanzky e Peter Przygodda - Auditório, dia 13, às 18

### CINEMA

10ª MOSTRA CURTA CINEMA - de 1º a 10, horários diversos

### EXPOSIÇÕES

RETROSPECTIVA TOMIE OHTAKE - 2º andar, salas A, B, C e D, até 21/01/2001

VISÕES DO RIO NA COLEÇÃO GEYER - 1º andar, sala E, até dia 17

### INFANTO-JUVENIL

CONTANDO E BRINCANDO NA BIBLIOTECA - sábado e domingo, às 16 h

**Rua Primeiro de Março, 66 - Centro - Tel.: 3808 2020**